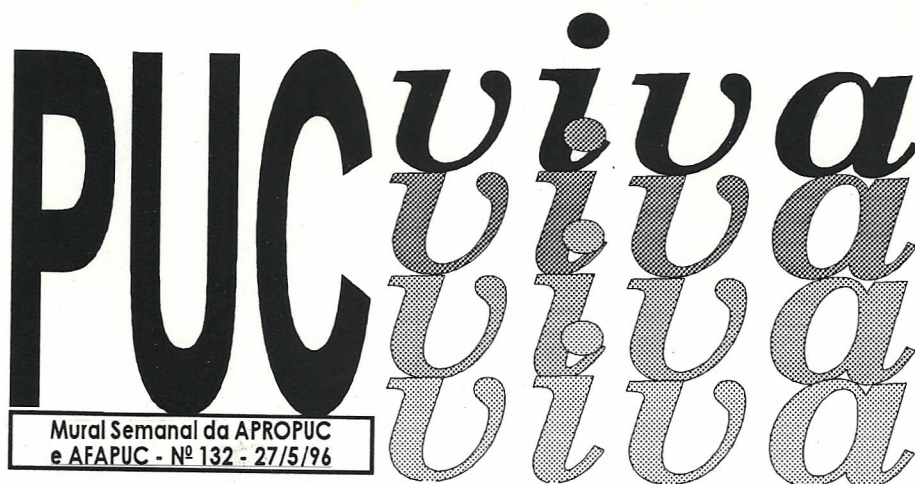




D O C U M E N T O

Avaliação crítica: fundamental no processo de escolha de reitor

As entidades de professores e funcionários, a APROPUC e a AFAPUC, não poderiam ficar alheias ao debate que se iniciou por ocasião da escolha do novo reitor.

Esperamos o processo eleitoral ser deflagrado e desde então estamos acompanhando atentamente as diversas manifestações através das quais grupos de professores e funcionários ou setores da universidade vêm expressando seu apoio à candidatura do professor Antonio Carlos C. Ronca. Também lemos com atenção o documento apresentando sua candidatura, no qual aparecem algumas metas. Diante disso, temos algumas questões a levantar.

As entidades possuem uma maneira específica de atuação na universidade e de relacionamento com a Reitoria e com a Fundação São Paulo, o que as leva a possuir dados e a participar de fatos que muitas vezes passam despercebidos no dia-a-dia, tanto por professores como por funcionários. Esses fatos, quando são resgatados, muitas vezes o são de maneira simplista, deturpada ou unilateral. Esse é um risco presente nas manifestações de apoio que têm aparecido neste processo eleitoral, o que nos estimula ainda mais a entrar no debate.

Buscando não encarar a eleição como mero continuísmo alienado, achamos por bem, neste documento, destacar alguns pontos para reflexão, os quais são retirados de uma rápida avaliação crítica da atual gestão.

O CLIMA DE TRANQUILIDADE

Vários documentos enfatizam o atual clima de tranquilidade e segurança que paira na universidade e atribuem esse clima à gestão da atual Reitoria. Comenta-se ainda nos corredores que essa segurança e tranquilidade se materializa no fato de recebermos nossos salários em dia, no fato da PUC ter aumentado o número de alunos e cursos, de não termos mais ameaças contra nossa autonomia e acrescentam a estes exemplos o fato de não termos que utilizar formas de luta como a greve e a paralisação.

Tal avaliação leva, então, ao apoio à reeleição do atual Reitor.

Sem querer ser desagradável ou "estraga prazeres", as diretorias das entidades acham importante analisar estas manifestações e suas consequências.

Sem dúvida, se compararmos a

situação atual com a situação caótica deixada como herança mais recente pelo ex-secretário executivo da Fundação São Paulo, Luís Vicente Bezinelli, chegaremos à conclusão de que vivemos mais seguros e mais tranquilos. No entanto, este tipo de comparação esconde elementos que podem levar a uma falsa visão da realidade; se não falsa, pelo menos simplista.

A administração desastrosa levada a cabo por Bezinelli, com a anuência dos bispos e de muitos nesta universidade, não deve servir de referencial, uma vez que diante de tão absurda administração, o mínimo que se espera é o resgate da seriedade administrativa. Ao mesmo tempo, o rombo financeiro deixado por Bezinelli e o descomprometimento da Fundação São Paulo em relação a isso justificaram, em certo sentido, o modelo de gestão, que foi apresentado como provisório.

É preciso, entretanto, perceber que, se por um lado este modelo trouxe uma certa estabilidade financeira, por outro, para se sustentar, necessitou de contenções referentes a condições de trabalho, que só não

CONTINUA NA PÁGINA
AO LADO

foram mais drásticas porque houve reação por parte de professores e funcionários. Devemos lembrar que o início da gestão foi marcado pelas medidas de emergência, pela denúncia do acordo interno dos professores, pela suspensão da discussão do plano de cargos e salários, por demissões. Se esses elementos se reverteram ou foram retomados, isso se deveu à luta das entidades que, diante de uma certa tranquilidade financeira vêm exigindo a distribuição democrática dos "resultados".

Apesar disso, a base do modelo implantado tem sido muito pouco discutida. O modelo, na verdade, é o da universidade "auto-sustentada". De início, só se viabilizava com as contenções que já mencionamos. Hoje, apesar de retomadas algumas conquistas, percebe-se que o modelo permanece, sem que haja maiores discussões.

A implantação desse modelo justificou-se pelo rombo financeiro herdado. Aliás, é bom lembrar que até hoje não se tem uma avaliação precisa desse rombo, uma vez que a tão propalada auditoria não chegou a se efetivar. De qualquer forma, o modelo da universidade auto sustentada apresenta-se com várias facetas. É dessa maneira que a universidade tem crescido, às custas dela própria e com muito pouco investimento, seja no tocante a recursos, seja no tocante à reflexão sobre os rumos que estão sendo definidos. O que queremos salientar é que o enfrentamento da crise tem envolvido a todos, quer participem ou não das decisões tomadas. Isso se verifica na medida em que, por exemplo, temos mais alunos mas, nas mesmas classes e com as mesmas condições de trabalho; temos novos cursos, mas sem uma clareza maior do que isso representa para a qualidade da universidade; temos novas frentes de captação de recursos e novas possibilidades de atuação, mas sem uma avaliação melhor de para onde

isso conduza a universidade. O exemplo mais recente dessa situação é a discussão do contrato de trabalho, absolutamente amarrada na falta de explicitação do que se quer garantir em termos de qualidade das condições de trabalho e nos limites financeiros e administrativos, nem sempre claros, mas sempre presentes.

A nosso ver, são essas as questões que marcam o "clima de tranquilidade" atual da PUC. Atribuir esse clima à gestão do professor Ronca é algo que só pode ser feito se se considerar os elementos contraditórios que marcam e que procuramos rapidamente apontar. Ou então, talvez devamos perceber que não podemos estar assim tão tranquilos.

AUTONOMIA X MODELO DE GESTÃO

Outro ponto que tem marcado as manifestações neste momento de eleição é a questão da autonomia da universidade. Entendemos que a autonomia só pode ser discutida na sua relação com o modelo de gestão e de universidade que se apresenta.

Não acreditamos em autonomia absoluta. Só podemos avaliar o quanto somos autônomos se soubermos dizer qual o papel da Fundação São Paulo, o que ainda não foi dito com clareza, apesar de já estarmos no final desta gestão. O que podemos dizer, a partir do que temos visto na história da PUC, é que duas têm sido as formas da presença da Fundação: ou intervém, ou se dilui. A forma encontrada atualmente para se tentar resolver essa questão, de acumular os cargos de Vice-reitor Administrativo e Secretário Executivo da Fundação, que para alguns pareceu ser uma solução, parece-nos que, em vez disso, implicou em uma inversão preocupante. Numa situação em que a autonomia é conquistada pela composição da reitoria e em que essa reitoria acata a maneira como vem sendo entendida a relação acadêmico-administrativo, onde o administrativo se sobrepõe a todas as outras funções internas da universidade, cabe

perguntar: somos realmente autônomos? a que preço? e, essa autonomia é duradoura, ou depende do modelo adotado? sendo assim, esse modelo é realmente provisório? Ou então, se a questão não é essa, se a autonomia existe, por que até hoje não discutimos realmente qual o papel e o lugar da Fundação São Paulo? Por que não aproveitamos essa autonomia para discutir e redimensionar esse papel?

Talvez possamos dizer que hoje a presença da Fundação na universidade está diluída, mas isso, mais que uma solução, parece-nos um problema, mesmo porque a possibilidade dessa presença mudar continua existindo. Assim, parece-nos claro que a única forma de garantir a autonomia, que jamais será absoluta, é lutarmos por ela sempre que necessário. Vale a pena lembrar, principalmente para aqueles que vêm a greve ou outras formas de luta como sinais de intranquilidade e insegurança, que foi a nossa dura greve dos sessenta dias, e o consequente surgimento do movimento PUCviva, que colocou em pauta a questão da autonomia e que garantiu o afastamento da intervenção da Fundação São Paulo, através de Bezinelli e seus aliados. Lembramos este fato para que não haja dúvida de que se, novamente, a Fundação São Paulo, seja por que razão for, resolver intervir abertamente, só existe um jeito de impedir: é, **infelizmente**, nos utilizando das formas de luta adequadas para o momento, o que, provavelmente, deixará a muitos intranquilos e inseguros, mas garantirá a autonomia da universidade, tão admirada e propalada. Mas também não pode haver dúvidas nem ilusões, isso só será possível se enfrentarmos essa discussão desde já (e com muito atraso!).

Reafirmando a nossa posição independente, entendemos que é somente enfrentando questões como estas que daremos ao processo de eleição da reitoria um caráter realmente democrático e de avanço, em vez de mero continuísmo alienado.

APROPUC E AFAPUC

ELEIÇÕES PARA REITOR

Debate com transmissão ao vivo esquenta a campanha

Nesta quarta-feira, 29, às 19 h, os jornais A Semana e PUCviva, juntamente com a TV PUC estarão promovendo um debate, com transmissão ao vivo para todo câmpus, entre o candidato único à sucessão da reitoria, professor Antonio Carlos Ronca, e as associações de professores, fun-

cionários e estudantes.

No debate deverão ser confrontados os principais pontos da plataforma do professor Ronca com as críticas que as entidades e a comunidade em geral vêm levantando à atual administração. A platéia poderá fazer perguntas ao candidato

num segmento do debate especialmente reservado para esta finalidade.

Estão previstas instalações de telões pelo câmpus e o debate deverá ser gravado em vídeo para posterior apresentação pela TV PUC em sua programação normal até o dia da eleição.

D E B A T E

Qual a verdadeira razão da repressão no campo?

A APROPUC e um grupo de professores da PUC estarão promovendo um debate sobre a violência no campo, no dia 4 de junho, na sala 134 do prédio novo às 19:h30. O objetivo deste ato, além da discussão da questão agrária, é a formação de um comitê contra a repressão social e política no Brasil. Abaixo publicamos o texto que a comissão organizadora do evento estará divulgando nas próximas semanas.

Os fatos estão demonstrando que mais uma vez não haverá punição para os assassinos dos camponeses. As chacinas têm se tornado comuns, como se não fossem expressão da decomposição do sistema econômico de exploração de classe. O governo, o Estado e seus representantes vêm procurando esconder a raiz de tamanha violência contra os camponeses que lutam pela terra e pela sobrevivência. Tra-

ta-se de crime de classe, ou seja, de esmagamento das lutas sociais que reagem à tremenda exploração, concentração capitalista de riquezas, desemprego crescente e pobreza de massas.

Rechaçamos as explicações de que as chacinas de Corumbiara, Eldorado e outras ocorreram devido ao despreparo policial e às leis arcaicas. Na realidade, a barbárie policial é consequência da atuação do poder econômico contra os trabalhadores. Não são diferentes os crimes da Candelária, Vigário Geral, Carandiru, etc. Trata-se da manifestação da opressão social, exercida pelo Estado e suas instituições repressivas, quando não diretamente pelos donos dos meios de produção e riquezas. Tudo isso demonstra que a punição não poderá vir dos próprios responsáveis pelos crimes de classe.

Somente os trabalhadores e es-

tudantes conscientes poderão lutar pela punição e erradicação das chacinas. A formação de comitês permanentes contra a repressão social e política é um meio de que dispomos. É nesse sentido que chamamos estudantes, professores e funcionários da PUC/SP a participar de sua estruturação. Realizaremos um debate com essa finalidade. Considerando a importância de tais acontecimentos, que certamente voltarão a se repetir, talvez em maiores proporções, contamos com sua presença e atuação em favor da punição dos responsáveis pelos massacres e pelo fim da violência social contra os oprimidos.

Debate: A questão agrária e a violência no campo
04/6/96 - terça - 19h30
sala 134 - prédio novo
PELA FORMAÇÃO DE UM
COMITÊ CONTRA A REPRESSÃO
SOCIAL E POLÍTICA!

Fim da aposentadoria especial para professores é rejeitado

O governo perdeu mais um round na luta pela implantação das reformas neoliberais na Previdência. Desta vez, a Câmara derrubou três pontos da emenda constitucional, entre eles, aquele que estabelecia o fim da aposentadoria especial para os professores de terceiro grau. O destaque da deputada Jandira

Feghali (PC do B- RJ) obteve maioria dos votos dos deputados, garantindo assim a continuidade da aposentadoria especial dos professores universitários.

O governo já fala em tirar o time de campo porque as alterações votadas pelo plenário desfiguram em demasia a "reforma" da Previdência. Mas muita água ainda pode rolar e

é preciso ficar atento porque o governo do professor Fernando Henrique já está, na prática, tolhendo a aposentadoria especial dos professores, na medida em que elabora legislação complementar onde é vetado o direito de continuar na ativa àquele professor que se aposentar via aposentadoria especial.

TESES

Anorexia nervosa e os limites de seu tratamento, por Susanne Robell, mestrado em Psicologia Clínica. Dia 29/05, 9h, sala 419.

Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX, por Marta Emisia Jacinto Barbosa, mestrado em História. Dia 29/05, 14h30, sala 418.

Formação de professores no contexto de uma escola de línguas, por Solange Maria Sanches Gervai, mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Dia 30/05, 14h, sala 418.

Cidades em abstrato: pintura de Antonio Bandeira (1950-1965), por Regina Ilka Vieira Vasconcelos, mestrado em História. Dia 30/05, 14h30, sala 419.

Subjetividades andarilhas - 500 anos depois: ainda descobrindo o Brasil em nós, por Doralina Rodrigues Carvalho, mestrado em Psicologia Clínica. Dia 31/05, 11h, sala 418.

O desafio do cotidiano: enfrentamento da contradição, por Divanir Eulália Naréssi Munhoz, doutorado em Serviço Social. Dia 31/05, 14h, sala 419.

Os sentidos da solidão na produção da vida, por José Angelo Ortelan, mestrado em Psicologia Clínica. Dia 31/05, 14h, Sala de Reuniões da Presidência.

Plebe não proletarizada em São Paulo (1870-1920), por João Batista Mazzeiro, mestrado em História. Dia 31/05, 14h30, sala 418.

O potencial supranacional das organizações governamentais internacionais, por Ani Caprara, mestrado em Direito. Dia 3/06, 8h, sala 419.

A Constituição como sistema aberto de normas, por Rosana Bertulucci, mestrado em Direito. Dia 3/06, 9h30, sala 418.

Do mito ao livro: escolas bilíngües em língua kaingang, por Edi Ema Sacchelli Puppi, mestrado em Ciências Sociais. Dia 3/06, 14h30, sala 418.

LANÇAMENTO

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política, o Departamento de Economia da FEA e o Grupo de Conjuntura Econômica convidam para o lançamento do **Caderno PUC-Economia - O Plano Real e a Política Econômica**. Dia 28/05, 18h30, no departamento de Economia (FEA - 1.o andar Prédio Novo).

DEBATE

O Grupo de Conjuntura Econômica e o Centro Acadêmico "Leão XIII" convidam para o debate de conjuntura **Déficit e Dívida Pública**. O evento terá a coordenação de Rubens R. Sawaya (PUCSP) e contará com as presenças de Ernesto Lozardo (FGV. SP), Fábio Giambiagi (BNDES) e Eduardo Refinetti Guardia (PUCSP/ Secretaria da Fazenda). Dia 29/05, 9h30, sala 333 (3.o andar Prédio Novo).

A série 96 dos Diálogos Impertinentes traz agora o tema **O Belo**. Como debatedores estarão Décio Pignatari e Celso Favareto. O evento tem transmissão da TV PUC para todo o Brasil. Retirar convites no TUCA, no Teatro do SESC Pompéia, ou na Folha de S. Paulo. Dia 28/05, 20h40, no Teatro do SESC Pompéia.

Promoção

O Grupo Trupité de Teatro está levando a peça **Recuerdos** numa temporada mai que popular. Dias 31 de maio, 1 e 2 de junho os ingressos custarão R\$3,00.

Justiça para quem?

Anízio Rodrigues

Uma das mais caras tradições dessa nossa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é a forma democrática com que alunos, professores e funcionários debatem seus problemas, superam seus conflitos e definem novos horizontes para o futuro.

A história da PUC tem sido marcada pela defesa intransigente da autonomia universitária face aos agentes externos que, de uma forma ou de outra, tentam lhe impor práticas e valores descolados da vivência cotidiana da universidade.

Agora, estamos diante de mais uma tentativa de interferência externa nos problemas da nossa universidade. Trata-se de uma ação judicial de despejo que movem o Centro Acadêmico Joel Martins (CAE) e a Fundação São Paulo contra a Papel de Seda Papelaria Ltda., que desde 1987 vem prestando servi-

ços aos alunos da PUC.

A nosso ver, não se justifica que uma questão interna da PUC seja levada à Justiça comum, o que abre um grave precedente e fere a autonomia universitária. Não se justifica, da mesma forma, que se tente *dar uma solução localizada e parcial* para um problema que envolve o aproveitamento do espaço físico da Universidade e as relações internas de convivência entre a PUC, seus centro acadêmicos e os diversos prestadores de serviços que aqui desenvolvem suas atividades.

É necessário que a universidade, através de seus Conselhos superiores, defina soberanamente uma política global em relação ao uso do espaço físico interno e à possibilidade, ou não, de concessão de parcelas desse espaço para atividades de prestação de serviços

como xerox, papelaria, livrarias, lanchonetes e outros.

Acreditamos que o Conselho Universitário e os demais Conselhos superiores não devam delegar ao Centro Acadêmico Joel Martins ou a qualquer outra entidade que faça uso do espaço físico da universidade por concessão, o poder de violar a autonomia universitária recorrendo a poderes externos para solucionar contendas internas, pois o processo já se encontra em andamento no Fórum Central de São Paulo.

Diante do exposto, solicitamos a inclusão deste ponto na pauta da reunião do Conselho Universitário, para que possam deliberar os encaminhamentos mais adequados para este problema.

Anízio Rodrigues é proprietário da Livraria Papel de Seda e ex-diretor da AFAPUC



ROLA NA RAMPA

Cobras e lagartas

O funcionário Agrício Ribeiro, do Laboratório de Informática da Comfil, foi duplamente premiado. Há pouco mais de um mês, quando almoçava no bandeirão do Restaurante Boulevard da PUC, encontrou no meio de sua salada uma lagarta verde, provavelmente em homenagem ao seu glorioso Palmeiras. Agrício procurou os responsáveis pelo restaurante, que prometeram tomar as providências cabíveis, mas qual não foi a sua surpresa quando, na semana passada, encontrou uma baratinha passeando pelo seu feijão. Por essa, nem Kafka esperava.

Mas as reclamações contra o restaurante não param por aí, na semana que vem estaremos divulgando outra carta de protesto contra a qualidade da comida servida aqui na PUC. E aproveitamos para lembrar que as páginas deste semanário estão abertas para possíveis explicações dos gerentes do Boulevard.

BOLSAS

A AFAPUC está com uma grandiosa promoção de bolsas. Não se trata daquelas bolsas com que os estudantes de pós tanto sonham, mas bolsas esportivas, vendidas pela bagatela de R\$12,00 a pequena e R\$16,00 a de tamanho grande. E ainda este total pode ser descontado em duas vezes pelas folhas de pagamento de junho e julho.

CEDIC distribui revistas

Nesta semana a Central de Documentação e Informação Científica - CEDIC, estará distribuindo gratuitamente um lote de revistas doadas pelo Arquivo Histórico do Município de S. Paulo.

São poucos exemplares e os interessados deverão dirigir-se à sede da CEDIC, na sala 51-C do Prédio Novo, com entrada pela Biblioteca Central.

PUCviva

PUC-VIVA é uma publicação da Associação dos Professores e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. Edição de texto: Aldo Escobar. Edição de arte e editoração eletrônica: Valdir Mengardo e Antonio Delfino. Reportagem: Virgínia Florenzano. Colaboraram nesta edição: Maria Helena G. S. Borges, Madalena Guasco Peixoto, Maria da Graça Gonçalves, Anselmo Antonio da Silva. Endereço: AFAPUC - Rua Cardoso de Almeida, 990, sala 9, tel. 263-0211, ramal 208.

Deu no Estadão

Em matéria publicada na sexta-feira, 17, no jornal O Estado de S. Paulo, o aluno Luiz Henrique de Carvalho, presidente do CA de Economia, afirmou que o tráfico de drogas é livre na Universidade, pois a Reitoria só demonstra retórica e não reprime com eficiência.

A reação da polícia aconteceu no mesmo dia quando, ao final da tarde, um helicóptero sobrevoou o campus iluminando a quadra com seus holofotes. A fala de Luis Henrique, embora constituindo-se num direito democrático de qualquer membro da comunidade

e que, como tal, deve ser sempre assegurada, tem lhe causado muitos transtornos pois a diretoria do CA. Leão XIII resolveu afastá-lo de suas funções como presidente, até que se esclareça a situação. Em carta, data de 23 de maio, o estudante nega a maioria das declarações a ele atribuídas pelo jornal.

Ouvido pelo PUCviva o vice-reitor comunitário, Américo Paula e Silva, afirmou que não devemos admitir que a polícia intervenha no campus procurando solucionar problemas que só dizem respeito à comunidade.

Professores na parede

Os professores que dão aula para o 2º ano de Jornalismo têm que tomar muito cuidado com o que falam. É que a turma da noite costuma fazer uma lista do besteiro lido em classe, tanto por professores como pelos próprios alunos. A publicação, denominada "Os impagáveis", é afixada, sem uma periodicidade fixa, pelos corredores da Cardoso de Almeida e os estudantes já fizeram até estatísticas para ver quem aparecia mais na relação de bobagens. Agora a gloriosa redação promete uma edição especial das bobagens faladas na Semana Estado de Jornalismo que, segundo eles, forneceu um farto material besteiro lógico.